



(Charles Dharapak/AP)

O Presidente Bush aperta a mão de Abdul-Sattar Abu Risha, chefe do Conselho de Salvação de Anbar, também conhecido como “Despertar de Anbar” — uma aliança de clãs que apoiam o governo iraquiano e as Forças dos EUA — durante uma reunião com chefes tribais, na Base Aérea Al-Asad, na Província de Anbar, no Iraque, 03 Sep 07. Abu Risha, a pessoa de maior destaque de uma revolta de xeques sunitas contra a Al Qaeda no Iraque, apoiada pelos EUA, foi morto em 13 Set 07 por uma bomba colocada perto da sua casa na Província de Anbar, dez dias após conhecer o Presidente Bush.

O “Despertar de Anbar” em Contexto... e Por Que é tão Difícil Replicar?

Matthew T. Penney

Atomada de controle de grandes áreas do Iraque pelo chamado Estado Islâmico (EI) do Iraque e na Síria, em 2014, talvez gere novo

interesse na possível relevância do fenômeno conhecido como “Despertar de Anbar”, ocorrido na era da Operação *Iraqi Freedom* (OIF). Em uma reviravolta

extraordinária — ocorrida no período entre a primavera de 2005 e a primavera de 2007 — as forças tribais locais iraquianas se converteram em aliadas das Forças dos Estados Unidos da América (EUA) na luta contra a Al Qaeda no Iraque (AQI) e seu controle sobre a Província de Anbar, onde tinha se tornado mais entrenchada. A resistência tribal organizada contra a AQI, que já começou em bolsões em Anbar antes do apoio norte-americano, foi um processo que surgiu de uma confluência de fatores dentro de um conjunto específico de circunstâncias singulares. As forças tribais travaram a maior parte do combate em toda a Província e trouxeram uma massa crítica da população de Anbar para unir-se aos órgãos governamentais do Iraque (por exemplo, Unidades do Ministério da Defesa e delegacias policiais), e bem como a um partido político chamado Sahawa — pelo menos por um período¹.

Mesmo antes de 2014, o Despertar de Anbar havia fomentado o contínuo interesse de militares e pessoal da Inteligência do Ocidente, bem como uma discussão política sobre o resultado da OIF. Para os estudiosos sérios do movimento, que pesquisam a literatura sobre o assunto, fica evidente que deve-se apreciar as condições singulares que estimularam essas autoridades locais e seus seguidores a rejeitarem a AQI no local, momento e forma particulares em que isso ocorreu, e que tais condições eram necessárias para o relacionamento subsequente que eles desenvolveram com as Forças dos EUA.

Independentemente disso, o debate continua sobre o que exatamente aconteceu, a partir do momento que o Despertar despontou. Alguns autores buscaram identificar uma Força Singular, Unidade ou pessoa como principal responsável pelo êxito. Outros atribuíram o sucesso a um aspecto mais sinistro — uma aliança dos EUA com elementos censuráveis, alguns dos quais haviam lutado como insurgentes contra as Forças da coalizão até que a questão de conveniência os levou a trabalhar com as Forças Armadas dos EUA. Alguns relatos descreveram o Despertar como um processo fracassado voltado à reconciliação nacional, enquanto interpretações alternativas o caracterizou da forma oposta, principalmente como um desafio sunita contra o governo central iraquiano dominado pelos xiitas. Embora as opiniões variem, a discussão mais significativa do debate diz respeito à possibilidade de utilizar o Despertar como modelo para o estabelecimento das forças de defesa locais para enfrentar insurgências².

O problema de usar o Despertar como um modelo para o desenvolvimento de programas de contrainsurgência em outros lugares é que estudos da mecânica do fornecimento de apoio e instrução militar isolam, frequentemente, o Despertar de Anbar dos seus contextos históricos e culturais que faziam com que as forças tribais fossem receptivas ao apoio norte-americano. Isso suscita a questão, “Podemos aplicar princípios semelhantes mais uma vez em outras circunstâncias?” Afirmo que a resposta é sim — contanto que sejamos realistas sobre o que era, e não era, o Despertar, e contanto que levemos em conta as diferenças na cultura e no contexto situacional nesses esforços.

Observações sobre o Despertar de Anbar

As sínteses das observações fornecidas neste artigo pretendem formar uma melhor apreciação do lugar do Despertar de Anbar na História e aprimorar a maneira pela qual pensamos sobre o grau e os limites da sua possível aplicabilidade em outras situações.

No Despertar de Anbar (Sahawa, no idioma original), os EUA não criaram algo — eles cooptaram uma tendência nativa. Por exemplo, os EUA não criaram a força anti-AQI que surgiu pela primeira vez no oeste de Anbar, em 2005. Em vez disso, as Forças Armadas dos EUA e o Ministério da Defesa Iraquiano apoiaram oportunisticamente uma força tribal liderada pela [tribo] Albu Mahal, que tinha perdido controle sobre uma importante cidade e uma rota comercial e tinha assumido a liderança, por si própria, para promover uma rebelião tribal geral contra a AQI. Essencialmente, os EUA cooptaram as tribos resistentes como uma Unidade militar ad hoc e trabalharam com ela para lutar contra a AQI e recuperar a terra perdida para as tribos rivais aliadas à AQI³. Ao observar os benefícios de curto prazo decorrentes da cooperação com a coalizão liderada pelos EUA, outras tribos seguiram o exemplo⁴. Da mesma forma, em Ramadi, em setembro de 2006, quando os EUA sancionaram o Sahawa, não era questão se queríamos que o Sahawa existisse, mas em vez disso foi um esforço para influenciar uma força existente para garantir que seus esforços ficassem em sincronia com os objetivos dos EUA no Iraque. Antes desse setembro, muitos dos grupos que compõem o Sahawa tinham lutado contra



(Cb Erin Kirk/Fuzileiros Navais dos EUA)

Ali Hatem Abd al-Razzaq Ali al-Suleiman al-Assafi al-Dulaimi participa de uma conferência tribal com Fuzileiros Navais dos EUA na Província de Anbar, no Iraque, 24 Mar 08. Hatem é o principal xeque sunita da tribo Dulaim na Província de Anbar e, também, o chefe hereditário da confederação tribal Dulaimi, que inclui um grande número de grupos tribais. Era uma personalidade importante na Província durante o surgimento do Despertar Tribal Sunita.

a AQI na forma de milícias organizadas por meses — alguns por um período ainda maior — e estavam determinados a prosseguir com ou sem o apoio dos EUA.

Embora o movimento seja nativo, os EUA podem ajudar a moldá-lo. As tribos do Despertar mostraram sinais que, se tivessem sido deixadas com apenas os seus próprios meios, provavelmente teriam fracassado devido à falta da capacidade de unificar os seus esforços.

É importante observar que, como uma confederação de tribos e grupos sem tradição de comprometer-se para o bem geral de todos, o Sahawa foi devastado por rivalidades internas. Mesmo antes do assassinato do seu chefe Xeque Abdul Sattar, em setembro de 2007, vários fundadores partiram e formaram um grupo rival⁵. Após a morte de Sattar, o movimento se dividiu até mais. Notavelmente, nos meses iniciais, os porta-vozes do Sahawa usaram frequentemente um tom sectário e militante que contrastava marcadamente com o decoro público utilizado mais tarde, quando os chefes principais tentaram converter o movimento em uma organização

antiestabelecimento e de política nacional, em 2007, que foi além de ser simplesmente uma coalizão contra a Al Qaida.

É provável que, se o Sahawa tivesse se convertido com sucesso em um partido tribal baseado no sunismo e entrado na cena política por sua própria iniciativa como uma força sectária aberta e hostil ao governo iraquiano dominado pelos xiitas, teria arriscado a incitar uma guerra civil ou a alcançar um sucesso tático que criou de fato um Estado sunita altamente dividido e separatista, em um tempo em que a violência sunita-xiita ainda assolava Bagdá.

Ao observar esta rixa entre as tribos, as autoridades dos EUA que trabalhavam com os chefes do Sahawa conseguiram promover uma medida de unidade ao incentivá-los regularmente a permanecerem cooperativos e civilizados entre si como uma condição para o apoio material e financeiro contínuo. Junto com isso, diariamente, os EUA tinham, também, de enfatizar o não sectarismo, o comedimento político e a abrangência⁶.

O Despertar se originou a partir de chefes que tinham ficado à altura da ocasião. O movimento foi criado não pelos iraquianos com títulos hereditários

mais nobres, nem pelos primeiros que se alinharam com os EUA, mas por aqueles que tinham merecido a credibilidade do povo devido às suas obras.

As autoridades dos EUA em Anbar tiveram contato inicial com uma variedade de pessoas locais que alegaram ser os xeques principais das suas áreas tribais e exigiram dinheiro e armas dos EUA. Alguns deles eram de fato de alto escalão por sua linhagem e título, mas a experiência mostrou que esses atributos nem sempre representavam influência com os membros tribais. No início da guerra, a maioria dos xeques ostensivamente superiores por causa da hereditariedade não conseguiu servir como verdadeiros líderes de uma parte significativa do povo. Isso ocorreu, em parte, porque as células dos insurgentes e da AQI os visavam, acusando-os de serem lacaios dos EUA e traidores. Isso causou a fuga de muitos deles para países vizinhos, minando a sua influência ainda mais. Como resultado, conselhos sunitas se formaram fora do Iraque compostos, principalmente, por pessoas que tinham quase abdicado da liderança verdadeira. Embora eles pedissem para administrar algum tipo de frente armada contra a intrusão da AQI, as assembleias de membros tribais de Anbar e outras pessoas notáveis de fora do Iraque equivaliam geralmente a pouco mais do que fóruns para reclamar, como um pretexto para buscar contratos lucrativos de reconstrução⁷.

Esse aspecto abriu a porta para vários supostos xeques de segundo escalão. Teoricamente, muitos desses xeques de nível mais baixo eram inexpressivos, tendo sido pessoas marginalizadas antes da guerra — contrabandistas insignificantes, xeques menores menosprezados pelos seus superiores e pessoal das Forças Armadas ou de segurança do Iraque que tinham funções humildes durante o regime de Saddam Hussein. No entanto, aqueles que surgiram como os motivadores do Despertar, reconhecidos pelos integrantes das tribos, eram aqueles cujo poder não se originou de títulos, mas da credibilidade obtida pela ação. Ganharam a credibilidade ao servir como líderes, defendendo os seus seguidores e, mais importante, realmente lutando contra a AQI e os membros da comunidade cooptados⁸.

Essa situação que envolvia a abdição alegada de liderança pelos chefes tradicionais enquanto, ao mesmo tempo, outros chefes não tradicionais foram elevados à altura de encarar a crise, enfrentando os integrantes tribais, têm implicações profundas para

quaisquer iniciativas de engajamento tribal que as Forças Armadas dos EUA talvez empreendam. Este fato demonstra que é essencial ter muito cuidado ao fazer parceiras com as pessoas certas — não apenas as que são mais fáceis de alcançar, as que já conhecemos e as que têm aprendido a receber os ocidentais calorosamente e a manipulá-los.

O Despertar de Anbar não era reconciliação, pois foi obtido às custas das instituições iraquianas existentes, tanto em Anbar quanto em Bagdá. O Despertar era um afastamento da obsessão dos EUA na consolidação do poder do Iraque em Bagdá. Politicamente, o Sahawa veio às custas do Conselho Provincial de Anbar que era sancionado pelo Estado e do partido político principal na província, o Partido Islâmico Iraquiano (PII). No outono de 2006, o governador de Anbar, um membro do PII, considerava o Sahawa como nada menos do que um golpe contra ele, porém, apoiou o movimento para ganhar relevância posteriormente. No entanto, observadores norte-americanos e iraquianos tinham de admitir que, embora a Província de Anbar tivesse, no papel, um conselho provincial liderado pelo PII, o Sahawa era o corpo mais crível. Foi necessário a realização de uma série de negociações altamente acirradas, intermediadas pelos EUA e pela Força Multinacional no Iraque (MNF-I, na sigla em inglês), para que fossem acrescentados integrantes do Sahawa ao Conselho Provincial de Anbar para fins de legitimidade governamental aos olhos do povo de Anbar — negociações que provaram ser controversas, pois faltava uma base clara na constituição iraquiana⁹.

A incorporação dos integrantes do Sahawa — os Cidadãos Locais Interessados (CLC, na sigla em inglês), e depois dos Filhos do Iraque (SOI, na sigla em inglês) — no governo iraquiano causou problemas para o Primeiro-Ministro iraquiano Maliki, que tinha boa razão para ser ameaçado por um aumento de poderes para as Unidades sunitas armadas. Esses grupos sunitas permaneceram em oposição ao governo liderado pelos xiitas em Bagdá e eram percebidos mais como uma insurreição em formação contra a autoridade iraquiana do que um novo componente dela¹⁰. As preocupações dos EUA sobre a disposição de Maliki de aceitá-los foram confirmadas ao longo do tempo. Em 2008, Maliki concordou relutantemente em financiar o CLC e o SOI, mas

em 2010, suspendeu o processo de incorporá-los no governo, excluindo quase 100.000 iraquianos das fileiras das Forças de Segurança Iraquianas. O status dessas Unidades era um ponto sensível constante entre os EUA e Maliki, e era uma fonte de amargura entre os integrantes do SOI que acreditavam que os compromissos para integração nas Forças Armadas iraquianas, ou na polícia, tinham sido estabelecidos como uma condição para se juntarem para derrotar a AQI¹¹. O rápido colapso do norte do Iraque para o EI, em 2014, talvez seja mostrado como sendo até certo ponto atribuível à amargura remanescente dos ex-combatentes do Sahawa. Tal sentimento é resultante, em grande parte, do fracasso de Maliki em cumprir os compromissos percebidos e a consequente relutância das tribos em enfrentar a nova ameaça.

Em quaisquer situações futuras para reconhecer uma nova base de poder, se os EUA tiverem interesses em qualquer governo nacional que esteja perdendo terreno ou controle, talvez seja necessário um controle delicado das nossas relações com o governo

anfitrião. Isso é importante porque a preferência dos EUA é muitas vezes um forte governo central no país anfitrião¹².

A solução em Anbar exigia um conhecimento profundo das realidades locais por parte dos EUA. As soluções exigiam uma descrição objetiva da suposta “verdade no terreno”. Conhecimento direto no terreno era frequentemente a única opção para entender os assuntos culturais mais amplos e os rápidos desenvolvimentos de segurança na ausência de linhas telefônicas em funcionamento, recepção de telefones celulares, da internet e da mídia. O papel dos EUA no Despertar exigia observação íntima de primeira mão e familiaridade com as condições locais para detectar as tendências contra a AQI e as motivações dos chefes tribais. A obtenção de conhecimento profundo sobre as realidades em Anbar não era possível de ser feito a distância, e, sob as melhores das circunstâncias, não ocorreu rapidamente.

Os elementos dos EUA caracterizaram essas atividades como parte de um fenômeno anti-AQI



(Sgt Jason T. Bailey/Força Aérea dos EUA)

Polícia iraquiana e membros do grupo Cidadãos Locais Interessados (CLC, na sigla em inglês) conduzem uma patrulha com soldados do Exército dos EUA em Rusafa, Bagdá, no Iraque, 28 Jan 08.



(Cb Megan Curry/Fuzileiros Navais dos EUA)

O xeque Lawrence al-Aniza conversa com o xeque Ahmed Abu Risha durante uma *shura* (reunião) de xeques no Camp Ramadi, no Iraque, 24 Jun 09. A *shura* propiciou uma oportunidade inigualável para os xeques e os chefes do governo provincial de Al Anbar discutirem assuntos que a província enfrentava e trabalharem juntos para criar soluções.

mais amplo e uma expressão das iniciativas iraquianas. Por exemplo, nas iniciativas de recrutamento de policiais, um dado recruta chegou para ver um evento organizado e seguro com iraquianos e norte-americanos trabalhando juntos. A ordem e a eficiência desses programas tiveram um grande impacto psicológico positivo nesses indivíduos, que estavam acostumados com a administração ineficiente, indiferente e geralmente corrupta dos programas semelhantes sob o controle de autoridades iraquianas remanescentes do regime anterior. Uma vez em serviço na delegacia, o policial local se tornou parte da poderosa frente anti-AQI. As campanhas de degradação da AQI apoiadas pelos EUA, anúncios na mídia de operações bem sucedidas, programas de embelezamento de bairros, renovação de campos de futebol e mensagens pró-governamentais trabalhavam juntos para avançar o ímpeto do Despertar¹³.

No lado tático, as Unidades do Despertar e das Forças Armadas dos EUA visaram vigorosamente a AQI, romperam as suas redes, conduziram incursões contra os chefes de célula e a negaram um ambiente hospitaleiro. A rejeição tribal da AQI, em 2006, envolveu membros de tribos em violentos combates, e operações ofensivas, contra a AQI. O trabalho militar conjunto continuado entre Unidades da MNF-I,

as forças de segurança iraquianas e as Unidades do Despertar era necessário para limpar e manter o controle de áreas-chave.

O Despertar exigia grandes despesas de dólares dos contribuintes de impostos dos EUA — mas com uma advertência importante. Além dos custos de dobrar uma força expedicionária de Fuzileiros Navais dos EUA e forças de Operações Especiais em Anbar, a instrução do Exército iraquiano e da polícia iraquiana e o alojamento de autoridades de outros órgãos civis dos EUA, os EUA gastaram milhões de dólares em Anbar. Na forma de financiamento pelo Programa de Resposta de Emergência do Comandante (*Commander's Emergency Response Program — CERP*), as Forças Armadas dos EUA desembolsaram, ao total, mais de US\$ 2 bilhões por todo o Iraque durante os anos fiscais de 2005 a 2007, em atividades como agricultura, irrigação, embelezamento de bairros, eletricidade e ensino¹⁴.

Em junho de 2007, a MNF-I obteve permissão do Departamento de Defesa para usar financiamento do CERP para pagar o CLC e o SOI que, segundo uma auditoria dos governo dos EUA, custou US\$ 370 milhões para os anos fiscais 2007 a 2009¹⁵. No entanto, entre a primavera de 2006 e a primavera de 2007, o período-chave para o Despertar de Anbar, as despesas com unidades para segurança de bairros e no Sahawa eram



(AP foto)

O xeque Abdel Sattar Abu Risha, fundador do Despertar de Anbar, chega para uma reunião com chefes tribais de Anbar em Ramadi, a capital provincial, 115 km ao oeste de Bagdá, 16 Ago 07. Prometeram “trabalhar juntos contra o terrorismo, as milícias e a Al Qaeda até que sejam desarraigados do país”. Antes do Despertar, Sattar era um xeque de baixo escalão de pouco destaque, com antecedentes criminais que alegadamente incluíam o contrabando e o sequestro.

muito mais modestas. Não eram as despesas financeiras massivas e as melhorias públicas que eram responsáveis pelo crescimento do Sahawa no período crucial até a primavera de 2007. Em vez disso, era o desejo de chefes tribais principais para tirar o controle da AQI e dos seus associados locais e assumir o poder.

O Despertar precisava de iraquianos que tivessem um interesse pessoal na segurança das suas próprias áreas. A ênfase do Despertar na concessão de autoridade às pessoas locais se diferenciou dos conceitos de identidade “nacional” para as forças de segurança iraquianas, em que um recruta de uma área do Iraque pode ser enviado para qualquer lugar no país na tentativa de gerar uma força de segurança iraquiana unificada. A segurança verdadeira no Iraque, onde existia, era um assunto intensamente localizado. Os residentes estavam familiarizados com os seus bairros. Sabiam — e se importavam com — quem pertencia ou não. O controle local permitiu que um recruta estivesse confiante que não deixaria a sua família vulnerável durante sua ausência por longo período. Além disso, deu credibilidade às forças de segurança, em contraste com o ambiente precário quando um membro de uma outra tribo ou seita administra a segurança no que é efetivamente um território rival.

Não era fácil para algumas autoridades norte-americanas e iraquianas chegarem a essa mentalidade, já que a nova ênfase no controle local era contrária à identidade nacional das forças de segurança iraquianas que os EUA estavam tentando promover por tanto tempo¹⁶.

Ao trabalhar com um elemento subnacional, era importante para os EUA controlar as percepções dos outros elementos subnacionais. Independente da devastação da guerra no Iraque, os xiitas e os curdos observavam estreitamente o que o governo dos EUA estava fazendo com os sunitas de Anbar. As percepções xiitas e curdas eram importantes, independentemente de como os EUA racionalizavam internamente seu programa do Despertar. Por exemplo, para os xiitas, havia uma contradição séria sobre as políticas adotadas quando os EUA alardearam as milícias sunitas como uma força estabilizadora em Anbar, enquanto tentavam limitar a influência das milícias xiitas no sul. Da mesma forma, pela perspectiva curda, a mesma contradição existia quando os EUA elogiaram as virtudes das milícias sunitas em Anbar, enquanto criticavam a presença de segurança das milícias curdas nos territórios disputados no centro-norte do Iraque.

Para superar as objeções, os EUA tinham de mostrar que as milícias sunitas foram sancionadas durante a sua transição na ISF ou na sua conversão em delegacias policiais iraquianas, e depois na forma de CLC e do SOI. Se os EUA não tivessem conseguido fazer isso, os seus interlocutores teriam tido menos credibilidade ao se oporem as milícias xiitas ou ao solicitarem as autoridades curdas para não se intrometerem em certas áreas disputadas. Alguns dos lugares mais inquietos no mundo são aqueles onde coexistem vários grupos de povos com diferentes culturas e origens ou em fronteiras nacionais impostas artificialmente, sendo que as relações norte-americanas com qualquer um desses grupos afetarão os outros.

Podemos trabalhar proveitosamente com pessoas que não pensam e agem como nós — mas temos que estar prontos para defender o nosso direito de fazê-lo. Aqueles que chegaram ao poder no Despertar de Anbar tinham poucos atributos que agradariam os autoproclamados progressistas ocidentais do Século XXI. Por exemplo, em geral, os xeques principais não tinham inclinações democráticas ou pluralistas e não manifestavam qualquer respeito pelas políticas norte-americanas de democratização, além do que tinham de proferir para permanecerem nas boas graças dos EUA se, e quando, eles escolhessem fazer assim.

Em vez disso, as pessoas importantes do Despertar de Anbar eram os produtos de uma sociedade onde o poder é baseado nos códigos tribais, no patrocínio e no nepotismo, em vez das instituições estatais legais. A sua aderência a esses códigos, especialmente o costume de retribuições tribais, eram frequentemente considerados pelas autoridades dos EUA como violações dos direitos humanos, segundo os padrões ocidentais. Uma consequência dessa situação era que, embora o Iraque tivesse ostensivamente um código de lei escrito imposto pela segurança estatal e os mecanismos judiciais, na realidade, essas instituições eram simbólicas, cooptadas pelos insurgentes e não tinham a vontade de cumprir as suas funções sob a lei estabelecida.

Entre outras preocupações, as autoridades norte-americanas tinham razão de ser vigilantes sobre as ações dos seus contatos e de pressioná-los para agirem dentro da lei iraquiana. Contudo, nos casos em que indivíduos tinham cometido atos extrajudiciais, os EUA tinham de avaliar se havia um mecanismo viável do governo iraquiano que pudesse fornecer uma

solução e defender o valor de trabalho continuado com essa pessoa em face de qualquer análise possível, seja de órgãos de supervisão formais dos EUA ou da mídia.

Os EUA encontraram interesses mútuos com os povos muçulmanos conservadores que a Al Qaeda alegava ajudar. Uma das maneiras que a Al Qaeda tenta desenvolver apoio em uma população é por meio de descrever si mesma como a defensora, ou liberadora, contra a agressão infiel. Por exemplo, em Anbar, além de ter uma força militar ocidental ocupando as terras muçulmanas sunitas, os rivais dos sunitas, os xiitas, chegaram ao poder no governo nacional. Ambos esses desenvolvimentos eram materiais para a exploração da opinião pública. De todos os lugares em que a Al Qaeda buscou estabelecer-se, Anbar, em teoria, deveria ter sido receptiva.

Os EUA ajudaram pessoas locais a reobter ou consolidar seus papéis sociais, religiosos e econômicos que tinham sido perdidos aos chefes estrangeiros da AQI e dos elementos tribais iraquianos cooptados pela AQI. No Iraque, a AQI concedeu demais poder aos chefes não nativos e travou uma guerra distrativa entre seus associados locais e outros iraquianos. A disputa entre a Al Qaeda e as pessoas locais era, também, uma entre a autoridade religiosa da Al Qaeda e da autoridade tribal. Considerando que a Al Qaeda propagava a concepção que a autoridade servia a *ummah*, ou a comunidade de crentes islâmicos, o sistema tribal era inerentemente local, introspectivo e exclusivo. Os chefes do Despertar tinham muito que perder com o estilo de autoridade religiosa da Al Qaeda, embora alguns deles fossem bastante religiosos nas suas vidas pessoais.

Além disso, a maioria da “Al Qaeda no Iraque” não era a Al Qaeda de fato. Os verdadeiros chefes da Al Qaeda associados diretamente com Osama bin-Laden eram raros em Anbar. Por exemplo, no final de 2004, a rede de Abu Musab al-Zarqawi declarou lealdade à Al Qaeda e tornou-se o que o Ocidente chamou de AQI. No entanto, era basicamente uma “franchise” livremente associada com a al-Qaida, que desobedeceu frequentemente a diretriz estabelecida pelos verdadeiros chefes do grupo. Os chefes da Al Qaeda, a maioria estrangeiros que pouco se envolveram em combate, tentaram cooptar o povo ao integrá-lo por meio de alianças com clãs e tribos locais. Portanto, os combatentes comuns da AQI tinham pouco contato com a grande Al Qaeda localizada fora do Iraque.

Como resultado, o paradigma de “tribos contra AQI” foi entendido com mais precisão como sendo “tribo contra tribo rival alinhada com a Al Qaeda”¹⁷.

Isso tinha importância no Despertar porque foi responsável pelo fato da Al Qaeda se tornar o maior patrocinador da violência de iraquiano contra iraquiano. Conseqüentemente, a brutalidade da AQI, a perda de vidas muçulmanas e a liderança superior composta de estrangeiros proporcionaram à coalizão chefiada pelos EUA a oportunidade de enquadrar a AQI como uma imposição hostil ao povo de Anbar.

Quando o Conselho de Shura Mujahedin (Mujahidin Shura Council) liderado pela AQI declarou a criação do Estado Islâmico do Iraque (ISI, na sigla em inglês), em outubro de 2006, era um ato de desespero — uma tentativa de colocar uma fachada iraquiana na AQI como resultado do surgimento de um movimento popular, o Despertar, que já estava superando a AQI¹⁸. Para desviar afirmações que a AQI era um movimento apoiado por estrangeiros, a organização designou um iraquiano, Abu Umar al-Baghdadi, como o chefe do ISI. Contudo, ele se manteve discreto e ocultava a sua identidade para a maioria da AQI, uma base falsa para liderança.

Considerando que não havia uma única “insurgência” em Anbar, o pensamento prevalecente de contrainsurgência não se encaixou bem. Muitas das premissas sobre o pensamento de contrainsurgência — mesmo que valorizassem a flexibilidade e a repudição de doutrina inflexível — não se encaixavam bem em Anbar. Uma era a premissa implícita na maioria das ideias sobre a contrainsurgência de que os vários atores — sejam aqueles dentro do país ou aqueles dando apoio do exterior — essencialmente se encaixavam em um dos dois lados: a insurgência ou a contrainsurgência. Tentar analisar a insurgência em Anbar dessa forma era como analisar uma luta de boxe sem prestar atenção a um terceiro lutador no ringue. Em Anbar, havia três lados. O primeiro era a contrainsurgência liderada pelos EUA. O segundo era a resistência iraquiana local que ressentia a guerra e a ocupação tentada por ambas, a coalizão liderada pelos EUA e a suposta AQI. O terceiro era a AQI e seus associados locais, cujos objetivos de poder fizeram com que eles parecessem ser, no final das contas, uma maior ameaça para a população de Anbar do que os Estados Unidos. Isso abriu a oportunidade para afirmar publicamente que uma solução só

era possível com o entendimento — entre a resistência e os Estados Unidos — e que a resistência tinha mais a perder com a AQI do que com os EUA.

Uma segunda premissa era de que os contrainsurgentes precisavam separar os insurgentes da população. Isso provou ser ilusório em Anbar quando a maioria do povo também apoiava a insurgência contra a coalizão, até certo ponto e de certa forma. Quando o povo de Anbar usava palavras como patriotismo e nacionalismo, não era em referência a sua identificação ou apoio do governo central do Iraque, mas em referência às lealdades por trás da oposição a ele.

A terceira premissa era a necessidade de demonstrar que os instrumentos estatais eram superiores aos do que a insurgência podia oferecer. Em Anbar, em vez de apresentar os serviços do Estado como atrativos ao povo, e em vez de tentar cortejar os chefes locais para participarem no governo iraquiano por meio de vários incentivos fornecidos pelo Estado, o êxito se consumou apesar das instituições estatais iraquianas e dos serviços fornecidos por elas. Assim, os Estados Unidos tinham de aceitar a ilegitimidade fundamental do governo do Iraque aos olhos da maioria do povo de Anbar. Ao administrar as milícias fora do governo e fazer a transição delas nas Forças de Segurança Iraquianas, e ao realizar o recrutamento da polícia local com base em arranjos com os xeques, os Estados Unidos ajudaram a construir os instrumentos do Estado da estaca zero.

A atividade do Despertar durante a Escalada [de tropas] em Bagdá pode produzir algumas conclusões perigosas se analisada fora do contexto. A atividade do Despertar mais divulgada ocorreu na área metropolitana de Bagdá, na primavera e verão de 2007. A maioria da literatura sobre a Escalada, como chegou a ser chamada, se concentrou em uns comandantes superiores seletos dos EUA que eram muito experientes com a imprensa e tinham contatos influentes entre os formuladores de opinião. Como a narrativa principal descreve, uma coleção de teóricos de contrainsurgência chegou a Bagdá, no início de 2007, e implementou um plano que tinha sido desenvolvido durante o ano anterior. A literatura corretamente descreve como, durante a Escalada, as Forças Armadas dos EUA mantiveram uma presença íntima nas ruas, com postos avançados de combate e postos de segurança conjuntos por toda a área metropolitana. Entre junho e agosto de 2007, conforme a MNF-I, as Forças de Segurança Iraquianas



(Cb Erin Kirk/Fuzileiros Navais dos EUA)

O xeque Aifan Sadun al-Issawi em reunião com o Senador Chuch Hagel, do Estado de Nebraska, para discutir o progresso contra insurgentes antigovernamentais na Província de Anbar (cerca de 2008). Aifan foi um dos fundadores do movimento Sahawa e era um dos chefes contrainsurgentes mais ativos, liderando pessoalmente sua milícia em vários ataques contra integrantes da Al Qaeda operando na Província de Anbar.

e as Unidades locais limpavam e controlaram mais território, sendo que o número de incidentes de segurança caiu abruptamente¹⁹.

Contudo, essa atividade na área de Bagdá, que era histórica e bem liderada, não pode ser tratada independentemente da atividade do Despertar que tinha estado ocorrendo em 2005 e 2006. Antes de 2007, os esquemas de habilitação do povo local em outros lugares no Iraque, como Tal Afar na Província de Ninawa; al-Qa'im, Ramadi e Fallujah em Anbar; e a área de Abu Ghurayb no oeste de Bagdá, tinham proporcionado vários exemplos convincentes das iniciativas de segurança geradas localmente. Em contraste com a cronologia dos eventos reais, a literatura predominante tende a promover uma narrativa que primeiro fala sobre o que ocorreu em Bagdá na primavera de 2007 e, depois, trata, de maneira anacrônica, sobre Anbar em 2006. Isso, de certa forma, confunde a cronologia real²⁰.

Muito tinha ocorrido antes da fase de Bagdá, em 2007. O Conselho de Segurança Nacional dos EUA tinha percebido a importância do Despertar de Anbar durante sua análise das políticas no final de 2006, da mesma forma que os autores do *Relatório do Grupo de Estudos do Iraque de Dezembro de 2006* (*December 2006 Iraq Study Group Report*). O Presidente George W. Bush até o mencionou no seu Discurso sobre o Estado da União, em janeiro de 2007 — tudo antes da escalada de tropas²¹. Nas conversas deste autor com autoridades dos EUA e com os chefes do Despertar na área de Bagdá, os iraquianos, no início de 2007, frequentemente se referenciavam a essas incidências anteriores como motivação para trabalhar com a MNF-I em Bagdá. Com certeza, Bagdá é diferente de Anbar, e o Despertar na área de Bagdá não era simplesmente um modelo de Anbar aplicado à capital. A questão é que o histórico de sucesso e o momento em Anbar, entre 2005 e 2006, capacitaram muito a atividade do Despertar em Bagdá em 2007 e em outros lugares.

O contexto antes de 2007 é importante porque, sem ele, o Despertar na área de Bagdá, na primavera de 2007, parece elitista demais, como se originasse de um processo de cima para baixo. A realidade era que, antes da primavera de 2007, o Despertar trabalhou de baixo para cima a partir de um fenômeno de bolsões do Iraque, incentivado e apoiado por elementos como oficiais de relações públicas, Forças de Operações Especiais e comandantes e os seus estados-maiores de brigada — com o tempo reconhecido e apoiado pela comunidade da MNF-I em Bagdá.

Devemos ser cautelosos ao pensar que um programa do estilo do Despertar em outro tempo e lugar pode começar de cima. No Afeganistão, os planos foram ostensivamente inspirados pelo Despertar no Iraque — mesmo levando em conta as grandes diferenças entre os dois países — começaram não de baixo para cima, mas de cima para baixo pelos Estados Unidos e as elites afegãs em Cabul. No entanto, nas áreas cruciais do Afeganistão, como a Província de Helmand e as montanhas ao lado da fronteira leste com o Paquistão, muitos da população local já tomavam a iniciativa de defender as suas áreas do Talibã ou da intrusão da Al Qaeda. Ainda, programas supostamente padronizados depois do Despertar foram colocados nas mãos dos ministérios baseados em Cabul que tinham pouco entendimento ou relevância para o povo nas áreas provinciais. Em contrapartida, o Despertar começou de baixo, em resposta ao ressentimento popular e ascendeu posteriormente. Isso não pode ser esquecido²².

As obrigações da contrainsurgência não param uma vez que o pior da violência tenha passado. O Despertar talvez possa ser chamado cautelosamente um sucesso durante a sua existência, especialmente considerando as péssimas condições que dominavam antes. Em Bagdá, seu objetivo não era necessariamente terminar todo o combate, mas prover um ambiente onde o Iraque pudesse, no mínimo, tentar construir um sistema governamental. No entanto, ainda permaneceram sérios problemas.

O mais sério deles era o primeiro-ministro iraquiano que, em vez de aproveitar a oportunidade para buscar a reconciliação nacional e estabelecer a unidade, usou as suas forças de segurança para neutralizar os rivais sunitas e evitar que os curdos desenvolvessem o seu setor energético. Essas ações são difíceis de explicar

em qualquer contexto fora do sectarismo paroquial.

Saddam Hussein obrigava que os sunitas, xiitas e curdos vivessem juntos. Porém, no Iraque pós-Saddam, a experiência mostrou que nenhum dos dois se submeteu ao terceiro. Como resultado, as linhas divisórias sectárias e étnicas têm ameaçado a estabilidade política. Essas linhas divisórias, às vezes, motivam alguns fatos, entre eles: o fracasso notável de integrar o SOI — que são principalmente sunitas — nas Forças de Segurança Iraquianas; as rivalidades tribais; a identificação sectária de certas forças de segurança; os conflitos árabe-curdos sobre territórios disputados que são demasiadamente provocantes para controlar no cronograma da constituição iraquiana; o surgimento do Estado Islâmico e as aspirações dos vizinhos do Iraque.

Qualquer combinação desses fatos podem trazer de volta o nível de violência e a desordem de guerra civil completa.

O Despertar é uma indicação de que os Estados Unidos precisam respeitar os diversos povos de um país e considerá-los possíveis aliados, sem os quais não se pode esperar conseguir qualquer objetivo no país que valha a pena buscar.

Questões para Programas Futuros

Seguem algumas perguntas que devem ser feitas de qualquer programa em um outro teatro de operações que convoque ou tire inspiração do Despertar de Anbar:

- ◆ O grupo proposto tem algum interesse compartilhado — por menor que seja — com os Estados Unidos que farão com que ele coopere conosco? Até que ponto esse interesse supera quaisquer queixas que o grupo talvez tenha contra os Estados Unidos?
- ◆ Os componentes do grupo têm disputas ou facções internas? Como podemos controlá-los?
- ◆ Até que ponto a cooperação norte-americana com o grupo mancharia a sua reputação, retratando-o como um colaborador de uma potência estrangeira? Como podemos controlar a influência dos EUA para que o grupo não pareça como uma ferramenta dos Estados Unidos?
- ◆ Os Estados Unidos possuem os meios e recursos de pessoal para que o grupo ou os seus chefes ajam como deveriam?
- ◆ Até que ponto já existe uma tendência nativa que pode ser cooptada ou orientada?

◆ O programa envolveria controle local da área do grupo? (Se o programa visualiza uma força expedicionária fora da área do grupo, provavelmente não deve alegar inspiração do Despertar.)

◆ Como podem ser determinados os líderes mais influentes e autênticos?

◆ Ao entrar em um acordo com qualquer um dos líderes do grupo, quais outros centros de poder (entidades governamentais, partidos, senhores da guerra, ou tribos) ficarão irritados, marginalizados, encorajados ou afetados de outra forma? Como isso pode ser controlado?

◆ A concessão de autoridade ao grupo seria obtida às custas de qualquer entidade do governo anfitrião — seja soberana, transicional ou provisional — com a qual os Estados Unidos têm interesses? Como administraríamos as nossas relações com tal entidade governamental?

◆ O governo anfitrião tem a capacidade e a vontade de apoiar o programa, ou pelo menos não miná-lo?

◆ O ato de conceder autoridade ao grupo poderia ser uma admissão tácita de que um outro objetivo norte-americano para a soberania nacional teria fracassado? Como seria reconciliado o programa com os objetivos declarados dos EUA?

◆ O programa proposto, também, exigiria financiamento para reconstrução e assuntos civis?

◆ A necessidade do programa é tão fundamental que os Estados Unidos estão dispostos a trabalhar com pessoas que talvez tenham históricos

insatisfatórios relacionados a direitos humanos e a defender o programa de críticas e de supervisão?

◆ Se a intenção para o grupo é enfrentar a Al Qaeda ou os seus associados, a Al Qaeda fez algo errado de alguma forma que se possa tirar proveito?

◆ Quais são os planos de desescalada e de transição em expectativa da realização dos objetivos de curto prazo?

◆ Qual é o plano de recuperação caso os Estados Unidos forneçam recursos pelos quais talvez precisem prestar contas?

Conclusão

O que foi escrito acima pode ou não ser relevante em um dado caso, e não é necessário que as respostas demonstrem que um programa proposto se parece com o Despertar de Anbar. Onde as circunstâncias divergem do Despertar, podemos perguntar por que — e perguntar como podemos adotar o programa para a realidade local. Fazer isso colocará cada desafio como um produto do seu próprio local e circunstância e pode determinar que um programa semelhante ao Despertar talvez seja adequado, ou não. No entanto, no mínimo, uma apreciação do contexto do Despertar de Anbar ajudará no entendimento de um grande evento no histórico da guerra, contraterrorismo e contrainsurgência recentes. Como resultado, provavelmente, será um assunto de debate contínuo — e aparentemente de influência — nos anos e décadas vindouros. ■

Matthew T. Penney, Ph.D., integrou o quadro de História do Center for the Study of Intelligence entre 2008 e 2014. É bacharel e mestre pela Baylor University e doutor em História pela Rice University. Suas áreas de especialização são o Oriente Médio, o contraterrorismo e a contrainsurgência.

Referências

1. William Knarr, "Al-Sahawa: An Awakening in Al Qaim", Global ECCO, CTX 3 (2)(May 2013), <https://globalecco.org/al-sahawa-an-awakening-in-al-qaim> (acesso em 20 nov. 2014). Para um melhor entendimento, o termo "Sahawa" foi utilizado em todo o texto. O movimento, que tinha existido em diversas facções por vários meses, se juntou no Conselho de Xeqes Tribais de Anbar, em agosto de 2006, que depois se tornou público com o Conselho de Emergência para o Resgate de Al Anbar (Emergency

Council for the Rescue of Al Anbar), e mudou seu nome para Sahawa al-Anbar, em novembro de 2006. Em fevereiro de 2007, seus chefes começaram a referir-se a ele como Sahawa al-Iraq, um nome formalizado em abril daquele ano.

2. Algumas das obras mais notáveis que tratam do Despertar incluem David Kilcullen, *Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of a Big One* (London: Oxford University Press, 2009), p. 115–85; Timothy S. McWilliams e Curtis P. Wheeler, editores., *Al*

Anbar Awakening Volumes I and II, (Quantico, VA: Marine Corps University, 2009); Linda Robinson, *Tell Me How this Ends: General David Petraeus and the Search for a Way out of Iraq* (New York: Public Affairs, 2008).

3. Neil Smith e Sean MacFarland, "Anbar Awakens: The Tipping Point", *Military Review* (March–April 2008): p. 41–52; Bing West, *The Strongest Tribe: War, Politics, and the Endgame in Iraq* (New York: Simon & Schuster, 2008); "Interview with Sheik Sabah", in McWilliams e Wheeler, Volume II, p. 139–47.

4. Smith e MacFarland, p. 41–52; Também, veja Todd Pitman, "Sunni Sheiks Join Fight vs. Insurgency", *Associated Press*, 25 Mar. 2007.

5. McWilliams e Wheeler, Volume II, 111–112, p. 135; Kathleen Ridolfo, "Sunni Groups Vie For Control of Western Region", Iraq Report: February 21, 2008, Radio Free Europe/Radio Liberty website, <http://www.rferl.org/content/article/1347743.html> (acesso em: 10 fev. 2015); Smith e MacFarland, p. 46–47.

6. Jim Michaels, *A Chance in Hell: The Men Who Triumphed over Iraq's Deadliest City and Turned the Tide of War* (New York: St. Martin's Press, 2010), p. 95–98; Rafid Fadhil Ali, "Sunni Rivalries in al-Anbar Province Threaten Iraq's Security", *Jamestown Foundation, Terrorism Focus* 5(10)(11 Mar. 2008), http://www.jamestown.org/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=4779 (acesso em 10 fev. 2015).

7. Norman Cigar, *Al-Qaida, The Tribes, and the Government: Lessons and Prospects for Iraq's Unstable Triangle*, Middle East Studies Occasional Papers, Number Two, September 2011 (Quantico VA: Marine Corps University Press, 2011) p. 38–43; McWilliams e Wheeler, Volume I, p. 154–156; McWilliams e Wheeler, Volume II, p. 45–49, 54–57, 110–112, [http://www.hqmc.marines.mil/Portal/61/Docs/Al-AnbarAwakeningVollI\[1\].pdf](http://www.hqmc.marines.mil/Portal/61/Docs/Al-AnbarAwakeningVollI[1].pdf) (Acesso em: 10 fev. 2015); Thomas Ricks, *The Gamble: General David Petraeus and the American Military Adventure in Iraq, 2006–2008* (New York: The Penguin Press, 2009) p. 221–222; William A. Doyle, *A Soldier's Dream: Captain Travis Patriquin and the Awakening of Iraq* (New York: NAL Caliber, 2011) p. 151–163; Neil Smith e Sean MacFarland, "Anbar Awakens: The Tipping Point", *Military Review* (March–April 2008): p. 41–52.

8. McWilliams e Wheeler, Volume II, p. 45–49, 54–57, 110–112; Doyle, p. 123–130.

9. Mark Wilbanks e Efraim Karsh, "How the Sons of Iraq Stabilized Iraq", *The Middle East Quarterly* 17(14)(Fall 2010) p. 57–70; e Myriam Benraad, "Iraq's Tribal 'Sahwa': Its Rise and Fall", Middle East Policy Council 18(1)(Spring 2011), <http://www.mepc.org/journal/middle-east-policy-archives/iraqs-tribal-sahwa-its-rise-and-fall> (acesso em: 10 fev. 2015).

10. Cigar, p. 61–73.

11. *Ibid.*, p. 64–88.

12. Wilbanks e Karsh, p. 57–70; Benraad.

13. Neil Smith e Sean MacFarland, "Anbar Awakens: The Tipping Point", *Military Review* (March–April 2008), p. 41–52; Doyle, p. 123–130.

14. Money as a Weapon, The Washington Post Online Data Bank, <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/business/cepf/> (acesso em: 6 jan. 2015).

15. Special Inspector General for Iraq Reconstruction (SIGIR), letter for the U.S. Secretary of Defense, Office of Management and Budget, "Commander's Emergency Response Program Obligations are Uncertain", 31 Jan. 2011, p. 4; e SIGIR, "Sons of Iraq Program: Results are Uncertain and Financial Controls are Weak", 28 Jan. 2011, p. 1.

16. Cigar, p. 33–35; Ricks, p. 219–227.

17. Cigar, p. 9–32; Report of the Select Committee on Intelligence, *Postwar Findings about Iraq's WMD Programs and Links to Terrorism and How they Compare with Prewar Assessments*, 109th Congress, 2nd Session, Senate, September 8, 2006, p. 90–93; Craig Whitlock, "Death Could Shake Al-Qaeda In Iraq and Around the World", *The Washington Post*, 10 Jun. 2006.

18. Bill Roggio, "The Rump Islamic Emirate of Iraq", *The Long War Journal* (16 Oct. 2006).

19. Cigar, p. 46–47; Stephen Biddle, Jeffrey A. Friedman, e Jacob Shapiro, "Testing the Surge: Why Did Violence Decline in Iraq in 2007?" *International Security* (Summer 2012); Vijay K. Saraswat, *The Sons of Iraq and the Search for Legitimacy Among the Sunni Tribes*, Peace Keeping & Stability Operations Institute (PKSOI) (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, 2010), p. 8; McWilliams and Wheeler, Volume II, p. 228.

20. Kimberly Kagan, *The Surge: A Military History* (New York: Encounter Books, 2009); Fred Kaplan, *The Insurgents: David Petraeus and the Plot to Change the American Way of War* (New York: Simon & Schuster, 2013); David Kilcullen, *Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of a Big One* (London: Oxford University Press, 2009); Ricks. Essas são boas obras, mas tendem a abrandar as contribuições de Anbar em relação à estratégia que Petraeus e o círculo dele implementaram em 2007.

21. James A. Baker III et al., *The Iraq Study Group Report*, http://media.usip.org/reports/iraq_study_group_report.pdf (acesso em: 10 fev. 2015); *2007 State of the Union Address*, <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2007/01/20070123-2.html> (acesso em: 10 fev. 2015).

22. Rajiv Chandrasekaran, *Little America: The War within the War for Afghanistan* (New York: Alfred A. Knopf, 2012). Este livro fornece um relato crítico sobre as burocracias norte-americanas e afegãs no Afeganistão.